



**ALGUMAS
CRÔNICAS
SOBRE
VÁRIAS
COISAS**

José Augusto Júnior

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



AO DORMIR

SUPERMERCADO

RANDÔMICAS

VIRTUAL

PRIMEIRA FRASE

TEMPO

TIA MARIOCA

AJUDA

O DIA

COM H

ILHA

PRAIA

DENÚNCIAS

ODEIO

LEMBRA

CINEMA

PEDRO

CREME DE LEITE

LINO

FLORES

ALGODÃO

MAR

PRAZOS

ÁRVORE

LEÃO

MAL PASSADO

BURACO

TRIBUNAL

NÃO

VOTOS

SONS

SOLTOS

HORA

PEÇA

PERDA

MESMO

IMPERFEITOS

FOTOS

Dedico este livro à minha amada Lili, aos meus valorosos amigos Trombini, Fabrício, Aleph, Castelano, Manoel, Alexandri e Carlos, aos meus familiares todos e às pessoas que, mesmo sem saber, fizeram esse livro.

Ao Dormir

- Você me ama? – ele fingiu que não ouviu. Continua sua leitura. – Você me ama ou não me ama?

– Cacilda, estamos casados há trinta anos e você me pergunta isso?

– Eu quero saber, tenho que saber se mantemos a chama da paixão acesa – ele finalmente tira seus óculos e põe o livro de lado.

– Não.

– Como assim não?

– Não te amo mais, na verdade acho que nunca te amei. Só gostava do sexo.

– Você casou comigo... Pelo sexo? – ela estava sem reação, ainda digerindo o golpe que havia levado.

– É, preferia muito mais ter casado com a sua irmã. Me identificava muito mais com ela, passávamos muito tempo juntos. Olha, te digo uma coisa, foi por pouco que não cometemos algumas loucuras. Se bem que algumas carícias...

– Você diz a Beta?

– Não, que Beta! A Lourdes – o choro dela tinha acabado e um leve sorriso aparecera em seu rosto.

– Você lembra que eu só apresentei você pra Lourdes antes do casamento?

– Sei.

– Ela era homem, estava nos Estados Unidos virando mulher.

Ele a encarou por alguns instantes virou e dormiu. No outro dia comprou um buquê de rosas, pagou o jantar e a levou num motel. Nada como uma mentira para punir outra.

Supermercado

Após anos de casamento, a sagrada ida ao supermercado tinha sido, oficialmente, passada para ele. Mesmo sob protestos “isso é coisa de mulher!”, não obteve sucesso em delegar essa função à esposa “é isso ou uma semana da minha mãe aqui!”.

Todo o processo era doloroso, chato e, principalmente, caro. Pegar o carro, percorrer vários quilômetros na noite, achar uma vaga e enfrentar os consumidores pós-labuta (interessados em sair o mais cedo possível, mas com o pensamento de não desperdiçar uma aventura dessas) era uma das mais frustrantes experiências que ele vivia. Não que o casual encontro com mulheres mais jovens e/ou mais experientes não desse um alento, mas o acaso nem sempre era um jogador leal.

Piorava a situação quando encontrava alguém desagradável. Um pai em especial. Ainda se lembrava do dia da matrícula quando chorou copiosamente na sala do diretor e encontrou o mesmo pai na saída. Ainda enxugando as lágrimas e sendo consolado, não deixou de perceber as risadas deixadas para trás. Agora estava lá, lado a lado, esperando na fila do açougue. Uma guerra fria, de olhares e pensamentos. Os dois olhavam o preço das carnes como armas a serem utilizadas. Ele resolveu quebrar o silêncio.

– Que preços, heim.

– Nada de mais, pelo que vejo. Estão bem razoáveis – respondeu dando uma mexida nas compras que estavam no carrinho. – Procuo sempre o melhor.

– Eu também, o melhor pra minha família.

Tensos, procuravam lembrar o quanto tinham na carteira, no cartão e se tinham alguma folha de cheque. Olhavam, de soslaio, as compras e faziam os cálculos. Que carne comprar? Quantos quilos pedir? Como num jogo de xadrez, ou melhor, como num jogo de pôquer, a tensão da estratégia corria os agora inimigos mortais. Depois de 15 minutos de espera, o aviso mostrou o número “68”.

Era ele. Tinha a missão de ser o primeiro, de fazer a aposta. Caminhou lentamente, olhou seu adversário de relance e seguiu para a bancada.

– Dois quilos de picanha bem gorda. Hoje o churrasco vai ser bom.

Deixou seu oponente atônito, sem reação. Pegou a carne e ficou de lado, a espera do outro movimento. Fingiu olhar a seção de congelados, até que viu o aviso soar e seu inimigo partiu para a bancada.

– Meio quilo de carne moída – disse o outro, com uma frase incompreensível no final.

– O que foi senhor, não entendi – perguntou o açougue.

– Meio quilo de carne moída.

– Isso eu entendi, o restante que não.

– De segunda – disse ele, proferindo as palavras de resignação. Havia perdido.

Saiu com um grande sorriso no rosto, ainda sem saber como iria explicar tanta carne pra duas pessoas, o porquê não tinha trazido todo o resto da lista e convencer sua mulher a tirar toda a gordura, já que tinha colesterol alto.

Randômicas

Existe um tipo especial na internet em que você conversa com estranhos. Você não sabe quem está do outro lado, sua idade, raça, cor, situação financeira ou dote sexual. É clicar no botão e conversar. Nada impede que, sem saber, você fale com a mesma pessoa mais de uma vez. E você pode ser quem quiser, sob a proteção dourada do anonimato. Lembro-me de alguns exemplos do que conversas aleatórias geram.

Conectado

- Oi.
- Oi, de onde é?
- Sou do Piauí.
- Pobre, sou de São Paulo.
- Pelo menos eu tenho água em casa.

Desconectado

Conectado

- Oi, tudo bem?
- Não, quero me suicidar. Me dá um motivo pra não fazer isso.
- Acho que você deve se matar mesmo. Você não tem futuro, o mundo está acabando e as pessoas que você gosta vão morrer.
- Obrigado pelo incentivo, vou pegar minha arma.
- É sempre bem-vindo.

Desconectado

Conectado

- Quantos anos?
- 20 e você?
- 21. Homem ou mulher?
- Mulher. Você?
- Homem. De onde é?
- Pelotas.
- Eu... escuta, não é você né Poliana?
- Não.
- Poliana, eu sei que é você, pode falar.
- Não, meu nome é Clarissa.
- Ah, então tá, você curte sexo à três? Estou aqui com uma amiga minha, chamada Andressa, quer se juntar a nós?
- Justo a Andressa, seu ordinário?

Desconectado

Conectado

- Vamos conversar minha gatinha manhosa?
- Tudo bem.
- De onde é?
- De longe.
- Longe da onde?
- Longe de você.

Desconectado

Conectado

- Oi, tudo bem?
- Não, meu filho estava nesse site e acabou de se matar com um tiro na cabeça, bem na frente do computador.

Desconectado

Encontraram-se, depois de meses de chats virtuais. Ele, Melancólico21 e ela, SexyCat18. Tudo previamente combinado e acertado chegaram praticamente juntos num restaurante meia-boca afastado do Centro.

- Quem diria... – disse ele, olhando-a como quem analisa um produto.
- É finalmente nos conhecemos. Você é bem... – interrompeu-se antes de falar.
- Não, diz, pode dizer.
- Você é meio melancólico mesmo.
- Esperava algo diferente? – disse, tomando todo o uísque do copo.
- Ah... Só um pouco.
- Como, me diz, fiquei curioso.
- Alto, loiro e rico.
- Eu nunca disse que era assim! – esbravejou.
- Sei disso, mas esperava que você estivesse sendo modesto. Você não faz meu tipo.

Olha só esse lugar...

Triste, ele ficou calado. Meses conectado de madrugada, mesmo tendo que trabalhar de manhã. Ligações intermináveis com contas astronômicas. Todo um investimento por água abaixo. Quantas tinha dispensado esperando ela? Inúmeras, e agora era só ela ali, com o descaramento de nem começar um encontro.

- Bom, se é assim, tudo bem – acenou para o garçom, pedindo a conta.
- Desculpe se magoei você.
- Tudo bem, está tudo bem. Mas escuta, você sai com bastante gente “do seu tipo”?
- Sim, quase sempre.
- Legal saber que além de ricos, altos e loiros eles não são nada exigentes – virou-se e saiu, deixando o dinheiro. Vitória ainda que tardia mas vitória ainda assim.

Primeira Frase

– Minha vida é uma merda.

Essa foi a primeira frase que ele dirigira a ela, em toda a futura existência do relacionamento. Ele pensou muito antes de caminhar naquela direção. Linda, exuberante, uma roupa sensual, mas não vulgar. Ele estava decidido, mas a timidez ainda era uma barreira. Tomou mais uma dose de uísque. Respirou fundo. E tomou outra dose antes de começar a caminhada.

Pensou durante os trinta e sete passos que os separavam no que dizer. Tinha que ser algo memorável, inesquecível, um tiro certo e direto no coração da morena que estava dançando contida.

“Quer casar comigo?” passou pela cabeça, rapidamente. Era arriscado ela achar que ele era um maníaco obsessivo, que aprisionaria os dois num castelo e a faria ser mãe de muitos filhos. “Como é que tá essas carnes?” era meio grosseiro e anos 90, assim como “a dama me concede a honra da dança?” tinha ficado nos livros de três séculos atrás.

A simplicidade também não agradava. “Oi”, “oi, como vai?” e até “tudo bem?” pareciam simples demais para a ocasião. Não, ela era diferente. Ela precisava ouvir algo mais sofisticado, mais interessante. Tinha que ser uma declaração de amor na primeira fase. Ele queria que ela fosse (e seria) o amor da vida dele desde já, desde ali, desde aquele barzinho decadente que já tinha visto tempos melhores.

Ao chegar, ele sorriu. As palavras sumiram. A mão começou a tremer levemente, uma gota de suor repentinamente queria nascer em sua testa. Não sabia o que falar. Processou o mais rápido a situação e disse:

– Minha vida é uma merda – ela, por reflexo, fez cara de desaprovação e começou a andar para outro lado. Dois passos depois, porém, parou, virou-se e perguntou para ele:

– Por que sua vida é uma merda?

– Porque eu demorei todos esses anos para conhecer você.

E ela deu o primeiro de todos os próximos sorrisos que daria para ele, durante toda a vida.

Tempo

O tempo é inexorável. Atinge a todos igualmente, mesmo que os efeitos variem de pessoa para pessoa. Você pode ter nascido no exato minuto que outras milhares de pessoas e ter a aparência de um ancião, enquanto eles tem aquela pele lisa e olhos atentos dos juvenis.

Esses ciclos de minutos, dias e anos, mais do que qualquer outra coisa, nos aprisionam e nos tornam dependentes de sentimentos que podem tornar nossa existência cada vez mais fácil ou uma tortura diária. O relógio de ponto que te espera, como um puma na savana africana, condiciona os períodos do seu dia; o padrão de tempo dos filmes priva aquele momento único a dois a meros cento e vinte minutos de alegria; a biologia te diz que a sua mulher só poderá ter filhos até certa idade, e não adianta esperar quando a isso.

Ser rebelde, descolado ou simplesmente vagabundo, não levar em conta o impacto que cada segundo tem sobre nós, não é exatamente “viver a vida ao máximo”. Regras, em geral, não nascem para ser ruins. Servem para dar ordem a nossa vida, pois já restou comprovado que somos incapazes de nos deixar levar pelos sentimentos.

Talvez a vida seja propositalmente dividida em períodos para que possamos ter a oportunidade de não fazer as mesmas burrices repetidas vezes. Você foi uma criança e chutou a cabeça de um amiguinho. OK, isso é ruim, mas você ainda terá a juventude e a vida adulta para corrigir essa mania estúpida de flertar com o assassinato. Ou lidar com o fato que mais pra frente haverá gente para a) te prender ou b) te bater muito mais forte do que você será capaz de bater em qualquer coisa.

O tempo é um pequeno livro de regras. Você não pode fazer isso por tanto tempo, você só pode fazer aquilo durante esse tempo da vida, você só tem essas horas para amá-la e fazê-la feliz. Fugir das regras é buscar a fuga da prisão do tempo. Fugir da prisão pode ser uma experiência fascinante, se você não tiver medo de ser pego.

Tia Marioca

Era um funcionário exemplar. Estudou para ser aprovado e foi com honras (na festa familiar dada após a nomeação lia-se na faixa “Parabéns, Duduca, nosso herói!”). Ele não se achava herói. Um concurso era apenas uma prova de admissão para um cargo público. Estudara e agora colheria os resultados disso. Estava satisfeito, mas não exultante. O importante era o cargo. O importante era ser um bom funcionário.

Começou no xerox, tirando quase mil cópias do dia, o que significava ter que apertar um botão cerca de oitocentas vezes por dia. Nada contra quem trabalha com cópias, mas é realmente só apertar um botão e não deixar que o papel A fique depois do papel B.

– Vai melhorar – dizia ele para sua namorada, com excitação e esperança. Estava no auge da sua vontade de bem servir o país. Em seis meses veio a sonhada mudança: agora fazia parte do protocolo.

Correu para casa ao fim do dia para contar para esposa a grande novidade, antes de fazer amor como não fazia há três meses. Agora sim estavam reconhecendo sua imensa capacidade, comprovada pelo concurso.

Preparou sua melhor camisa polo, uma mistura esquisita de linhas e formas que não caia bem em ninguém, dada num aniversário pela Tia Marioca. A Tia Marioca era realmente desagradável. Seguiu confiante para a repartição, pronto para seu primeiro dia no protocolo. Ao chegar, descobriu que seu trabalho era carimbar a cópias enviadas pela turma do xerox.

– Mas dá uma conferida que eles erram pra caramba – disse o Moacyr, o desgraçado que ficava lá batendo aquele maldito carimbo feito um pica-pau na floresta de araucária.

Enfezou. O serviço burocrático não era pra ele. Não, não. Acabou. Sua capacidade era além do que eles poderiam oferecer. Tratou de procurar outros concursos. Comprou livros. Estudou. Fez os testes e foi aprovado. Agora era de nível federal. Nada mais de mesquinaria estadual. Agora ele seria bem remunerado num trabalho que o exigisse.

Colocou outra camisa polo dada pela agora finada Tia Marioca (“uma santa”, dizia) e partiu para seu primeiro dia de trabalho. Foi colocado na seção de expediente. Agora não tinha mais carimbo, porque o protocolo era digital.

– Mas dá uma conferida que esse pessoal estadual erra pra caramba – disse o Seu Geraldo, o desgraçado que ficava lá digitando aquele maldito protocolo feito um pica-pau na floresta de araucária.

Enfezou. O serviço burocrático não era pra ele.

Ajuda

O mendigo estava sentado na praça, estendendo a mão para qualquer cidadão que passava.

– Uma esmolinha, por favor?

– Escuta, eu posso ajudar você.

– Ah não, de novo não – disse o mendigo, irritado, levantando-se.

– O que foi?

– Lá vem você querendo em ajudar.

– Sim, eu quero ajudar você – disse o homem, vestindo um terno feio.

– Mas eu não quero a sua ajuda!

– Você não tá pedindo esmola?

– Isso eu tô.

– E não quer a minha ajuda?

– Não, eu quero esmola, não quero ajuda.

– Você nem sabe qual vai ser a ajuda. Como você pode não querer?

– Com certeza vai falar um monte de abobrinhas, dizer que eu tenho que mudar, parar de beber, me indicar uma igreja...

– Não é nada disso...

– Duvido, todo dia vem um monte de gente querendo me ajudar. Não quero ajuda. Quero esmola.

– Eu quero te dar dinheiro, mas não é esmola.

O morador de rua franziu a testa, sem entender.

– Você quer me dar dinheiro, mas não é esmola?

– Isso mesmo.

– Então vai querer que eu faça algo pra você. Eu não sou veado não! – quase partiu pra cima do outro.

– Nada disso. Eu quero te dar um trabalho. Quero que você seja jardineiro do meu prédio. Também vou te dar dinheiro pra ir no cabeleireiro, comprar umas roupas novas... Uma nova vida para você – disse sorrindo, enquanto o desafortunado companheiro de conversa ainda o observava atentamente.

– Mas eu só quero esmola.

– Você não vai precisar mais de esmolas! Terá um trabalho digno, bom, mensalmente.

– O senhor que ainda não entendeu. Eu não quero ajuda. Quero esmola. Se eu quisesse ajuda eu utilizava o meu diploma da faculdade.

O homem, incrédulo, desistiu da ideia, deu duas moedas para o sujeito e foi embora. Chegando ao serviço, meio abatido, foi questionado pelo colega:

– Você tá bem, cara? Precisa de ajuda?

– Não, preciso de uma esmola.

O Dia

O dia não nasceu lindo. Os pássaros não estavam cantando, a luz do sol não entrou pela fresta na janela trazendo alegria e muito menos o céu azul com pequeninas nuvens fofinhas existia. Não. O dia estava horroroso, com uma chuva terrível, mas permanecia quente. A luz acabara durante a noite, deixando boa parte do tempo o ventilador desligado e a sensação de estufa maior ainda.

Era pra ser naquele dia. O passeio ao zoológico havia sido cancelado de véspera, com a intempérie que insistia em chatear. Resolveu ir trabalhar, afinal, mas perdeu hora, levantou afobado e quase bateu o nariz no chão quando caiu. Raspou a luz traseira quando saía da garagem, perdeu uma calota numa manobra ousada pra fugir de uma poça d'água e caiu num congestionamento incomum.

Era pra ser naquele dia. No trabalho falavam mal dele quando chegou, achando que ainda descontaria as horas, como havia combinado.

– O Paulo? Um mala. Não suporto aquele cara. Não sei como não foi demitido até hoje... – ouviu claramente, antes de abrir a porta com força para que cortassem a fofoca. Os olhos esbugalhados de quem sabia que tinha sido ouvido prenunciavam um péssimo dia no trabalho.

Era pra ser naquele dia. Três contratos corrigidos, uma reunião de emergência e um sem número de broncas depois, ele estava voltando para casa, ainda com sinais da dor de barriga que tivera depois do almoço. Finalmente em casa, teve mais certeza do que nunca: seria aquele dia.

Ele tinha planejado cuidadosamente encerrar aquele sofrimento e a incerteza. Não dava mais. Não tinha condições mentais e emocionais de suportar tudo aquilo. Tinha que ser resolvido naquele dia, sem mais atrasos. Seria o fim dos problemas, seria um renascimento.

Foi até a ponte, a mesma em que na primeira vez não tinha conseguido concretizar, respirou fundo, ajoelhou-se e disse:

– Quer se casar comigo? – apontou a aliança para ela, que devolveu com emoção, um sorriso e vários beijos.

O melhor dia da vida dele acabava de forma triunfal.

- Tu conhece o Abel?
 - Abel... Abel...
 - Chamavam ele de Abelinho.
 - Que tipo de apelido é “Abelinho”?
 - Diminutivo de Abel.
 - Parece com Abelhinha – riu o segundo.
 - Não tem nada de Abelhinha em Abelinho.
 - Como não? É só trocar duas letras.
 - Não. Abelhinha vem de abelha e Abelinho de Abel, um é animal e outro é uma pessoa. Coisas bem diferentes.
 - Mas o som é parecido.
 - Não interessa o som, a origem que é o importante.
 - Você conhece ou não conhece o Abelinho?
 - O Abelhinha?
 - Não tem nada de Abelhinha, retardado! É Abelinho, Abelinho! De Abel!
 - Pra mim um cara que tem nome de animalzinho deve morder a fronha – disse para cair na gargalhada.
 - Morde.
 - O que?
 - Ele morde a fronha.
 - Como você sabe?
 - É que estamos juntos. Era isso que eu ia te contar.
- O amigo não tinha reação. O chão tinha saído do lugar. Resolveu falar.
- Isso tem a ver com o club “L’Hommes”, que tinha basicamente homens estranhos vendo outros homens dançarem e aquela vez que estávamos bêbados e você chamou uma garota de programa chamada Samantha T?
 - Márcio, é melhor você sentar...

É uma pergunta regular, batida, repetitiva até certo tamanho, é: “cite coisas que você levaria para uma ilha deserta” ou uma variante como “que coisas você salvaria do mundo no caso de uma catástrofe?”. Disfarçadas de exercício de lógica, esse tipo de pergunta nada é mais do que um “quais são as coisas mais importantes do mundo para você”.

Certamente em minha lista não estaria nada tecnológico (por óbvios motivos energéticos), nem muito menos levaria uma coleção de livros. O conhecimento seria útil de maneira prática, não mais na teoria. O que era pra ter aprendido já havia sido, se um tubarão atacasse não daria tempo de ler “Como Matar Tubarões Em 15 Fáceis Etapas”.

Também não levaria qual(quais)quer mulher(es). Nem no singular, nem no plural. Tudo bem que eu perderia todo o amor, carinho e conversas francas e despreocupadas sobre a importância de não se deixar a tampa da privada levantada ou, ainda mais, um emocionante debate sobre as sutilezas de um relacionamento. Mas eu aguentaria perder tudo isso. Eu daria um jeito de satisfazer outras áreas (teria que usar a criatividade), mas deixaria as mulheres de lado.

Amigos... Não. Não levaria os amigos. Discussões futebolísticas poderiam culminar no primeiro assassinato de minha carreira de pequenos crimes (furtar salgadinhos em festas, me apoderar de duas vagas no estacionamento e por aí vai). Prefiro deixar os amigos na lembrança de outros tempos, de quando o mundo ainda era mundo e havia uma mesa de bar para conversarmos.

De tudo, então, levaria três coisas: os sorrisos, a tristeza e água. Água para que eu me mantivesse vivo pelo maior tempo possível (com a ajuda dos valorosos cocos); a tristeza para que eu me lembrasse de todas as coisas que eu deveria ter feito e não fiz, de todos os sentimentos que eu me privei achando que outro melhor viria e de todas as experiências que eu achei babacas demais para tentar; e os sorrisos, todos os que me deu, para que eu me lembre o quanto fui feliz.

- Vamos viajar? – perguntou, enquanto enchia os copos de cerveja.

– Pra onde?

– Pra praia.

– Que praia?

– A mesma de sempre, aquela onde ficamos todos os anos.

– Ah, mas é tão batida...

– Mas o dono do apartamento aluga baratinho.

– Não sei não, tô meio saturado daquela praia.

– A Leca vai.

– Vai? Como?

– Me disse que vai.

– Duvido, ela sempre dá pra trás no final.

– Já até me pagou.

– Você tá brincando – o amigo terminou o seu copo e serviu-se de mais.

– Não, pagou sim. Bem, não pagou tudo mas...

– Sabia! Você não vai ver mais a cor do dinheiro... E ela ainda vai querer ele de volta.

– Não tem devolução, já falei pra ela.

– O Gui, o Paulinho e o Marcelo vão?

– O Gui disse que vai, me falou no último churrasco.

– Ele tava apagado no último churrasco.

– Ué, aí não sei. Ele disse que vai.

– E os outros? – mais cerveja no copo. Os aperitivos já tinham acabado há tempos.

– O Paulinho tá namorando e o Marcelo disse que ia ver as economias.

– Poxa, o Marcelo é muito enrolado meu.

– Vou ligar pra ele pra confirmar.

Enquanto o amigo enxugava mais um copo da cerveja trincando, o primeiro tentava pegar mais um para a aventura litorânea.

– Não deu.

– Não?

– Disse que não vai, o carro dele tá com problema na suspensão e vai gastar uma nota.

– Putz.

– E disse que o Gui não vai também. Arrumou uma namorada e disse que vão viajar pra outro lugar.

– É um tratante mesmo.

– Então a viagem miou.

– Que pena, tava empolgado pra ir... Ia até aceitar.

– Sério? Nossa, que bom, tem uma viagem pra dois casais ótima pra gente, você leva a sua namorada e eu levo a minha.

– Não vai dar, não tenho mais namorada.

– Ué, como assim?

– Acabei de ver uma foto dela com o Gui, em uma cama qualquer.

Silêncio. O amigo procurou palavras para consolar, mas não achou.

– Mais cerveja? – ofereceu.
E beberam até cair.

Denúncias

Reunião de surpresa na repartição. Ninguém sabia o que era, mas tinham a impressão que era algo relacionado com algumas denúncias surgidas na imprensa na semana passada.

– Bem, como todos aqui já sabem – começou o Diretor – a imprensa divulgou fatos incontestáveis de que somos incompetentes – o murmúrio foi geral na sala, quase com revolta. – Eu sei, eu sei... Foi surpreendente pra mim também. Não sabia de nada do que foi divulgado.

Sorrisos amarelos procuravam disfarçar o conhecimento geral da manchete “Diretor Sabia de Tudo”.

– Isso agora será passado! Em caráter emergencial eu determinei a contratação de uma consultoria para que possamos melhorar organizacionalmente. E aqui está o representante da empresa contratada... – alguém levantou a mão. – Fala, Pablo!

– Não precisa de licitação para contratar uma consultoria?

– Precisa? – o Diretor, confuso, lançou um olhar para o representante.

– Precisa – respondeu o outro, secamente.

– Oh... Então... Ele veio aqui solidariamente para nos passar um pouco das ideias e do conhecimento que ele acumulou nesses anos de trabalho. Apresento-lhes o Titinho – pigarreou, assustou-se e corrigiu. – Digo! O Sr. Alberto! – aplausos rasos para o engratado.

– Estimados servidores desta repartição, excelentíssimo Diretor, nobres amigos... Eu venho aqui falar de algumas práticas simples e diretas que melhorarão exponencialmente a capacidade gerencial e administrativa desse órgão. Falaremos de informatização, de estabelecimento de metas, de eficiência, de uma melhoria contínua nos serviços oferecidos a população... – Pablo levantou a mão. – Por favor, pode falar.

– O que é “informatização”?

– Ora, é modernizar os processos, torná-los digitais... Vocês não tem nada informatizado aqui?

– Você quer dizer usar o computador?

– Sim, mas não do modo convencional... – Pablo o interrompeu.

– Eu uso bastante o computador.

– Isso é ótimo! Que tipo de processos já são digitais?

– Eu jogo Paciência e navego em sites.

– Como?

– Eu jogo Paciência e navego em sites – repetiu o funcionário, devagar.

– Isso não é um exemplo de informatização.

– Como não? Eu uso o computador.

– Você está dando um exemplo de uso comum, não de informatização, Pablo.

– Titinho! – chamou um, mais ao fundo.

– Pode falar – respondeu, sem jeito, o agora arrependido sujeito.

– Que que é “estabelecimento de metas”?

O homem revirou os olhos e foi até o amigo.

– Esse pessoal não sabe nada!

– Pode esperar que daqui a pouco eles perguntam o que é “eficiência” e “população”.

Odeio

Odeio poucas coisas. É até curioso, pois o ódio é o paralelo direto do amor e alguém que ama muitas coisas poderia (ou deveria?) odiar muitas coisas e isso seria algo normal. E olha que já amei muitas coisas, lugares, pessoas, ideias, sentimentos e times de futebol. Um sentimento comum, para mim, o amor. O ódio não.

Não odeio quando tem engarrafamento e eu chego algum tempo depois do planejado. Não gosto, mas não odeio. Não odeio ficar solteiro a mesma medida que também não odeio ficar num relacionamento ruim. As duas coisas são somas de decisões que foram feitas basicamente por mim e seria flertar com a burrice odiar os caminhos que trilhei. Cada uma delas foi tomada em tempos e circunstâncias que somente eu pude avaliar. Por mais que você pergunte aos seus amigos opinião sobre “ela” ou sobre “deixá-la”, será sempre um fardo seu o sim ou o não, a farra ou o jantarzinho. E você deve se apegar a essas decisões.

Também não carrego ódio por este governo, pelo que virá ou pelo que antevio; política é um assunto muito nebuloso para se odiar qualquer um dos governos. O máximo que dá para fazer é torcer para que as coisas vão bem e que as pessoas se iluminem. Também não odeio quem vota em X, Y ou Z e nem quem deixa de votar.

Não odeio os períodos em que sofri, nem odeio o fato de ter feito outras pessoas sofrerem. Não é a Lei de Talião, é apenas uma das inúmeras consequências das decisões acima faladas. Há de se ter compreensão de que todos sofrem, cedo ou tarde, assim como todos sorriem. Ninguém passa a vida com um lenço na mão nem com um sorriso no rosto.

O ódio não me pega quanto a jiló, dias chuvosos, dias de sol, praia com chuva ou inverno muito quente. Nem os motociclistas, os pedestres, os motoristas de ônibus ou os outros carros. Não odeio internet lenta, hotel sem ovo no café da manhã nem manifestação grevista. Igualmente vale para os católicos, evangélicos, ateus, budistas ou aquele carinha meio estranho que comprou quatro livros satanistas.

Eu tenho uma lista enorme de coisas que eu não gosto e uma lista minúscula de coisas que odeio. Pequenas coisas, minúsculas, ínfimas perto de tantas outras dessa lista.

Odeio arroz queimado, aranhas e ansiedade. E odeio quando tenho que comer arroz queimado depois de ver uma aranha passando enquanto esperava outra coisa acontecer.

Lembra

– Quando você começou a gostar de mim?

– Que pergunta é essa, Tina? – os dois estavam na cama, assistindo um sitcom qualquer.

– Quando você começou a gostar de mim, Fábio? É uma pergunta simples...

– Nossa, já faz oito anos meu.

– Então você esqueceu seus sentimentos, é isso?

Ele tentou lembrar-se do calendário da mulher, para saber se a conversa seria longa. Era possível que sim, então se ajeitou na cama e procurou responder melhor.

– Acho que foi...

– Acha não, tem que ter certeza – ela estava jogando duro.

– Poxa Tina, faz tanto tempo e você me cobra saber com certeza? Sei lá... Por que você tá perguntando isso e a essa hora? – ele pegou o celular da mesinha ao lado para comprovar a teoria.

– Não interessa por quê, me diz.

Ele não se lembrava. Não tinha a menor ideia.

– Foi logo no primeiro momento? – ela viu que o noivo estava perdido e, para não se chatear mais, resolveu ajudar. – Você se apaixonou por mim assim que me viu?

Cruzando a galáxia do relacionamento durante uma chuva de meteoros de respostas erradas, ele desviou mentalmente de vários com seu teco-teco. Bravamente manobrou para a decolagem no planeta desconhecido, sem saber qual seria o resultado.

– Não.

– Não? – “avião em queda, avião em queda!”, gritavam os técnicos em solo.

– Não, Tina. Não foi na primeira vez.

– Mas eu lembro bem que você sempre disse que me amava desde o primeiro minuto – o avião se encaminhava para bater em alguns prédios.

– Bem, amar amar não amava, era difícil...

– Então quer dizer que você começou tudo com uma mentira? Quer dizer que você tentou me seduzir com palavras bonitas, com “eu te amo desde o primeiro minuto” mas você só me via como um objeto sexual? – enquanto as lágrimas corriam pelo rosto dela, o a marcha fúnebre já era entoada por uma banda marcial.

– Sim.

– Sim?

– Sim, para mim você era só um objeto sexual – o piloto arremetera numa arriscada manobra.

– Como você se atreve... – ela começou a erguer a voz quando ele interveio.

– Você era uma stripper, Tina. Uma stripper. Nosso primeiro encontro foi uma dança para mim e quatro amigos. Você tirou toda a roupa e se esfregou na perna do Jorge. Logo o Jorge! Era pra ser uma música só, mas você dançou cinco, das cinco você não dançou nenhuma pra mim e só percebeu que eu estava lá quando eu fui te pagar.

Ela olhou-o com atenção, enxugou as lágrimas e disse:

– Eu te amo! – virou-se e foi dormir feliz por ter escolhido alguém que nunca esqueceria os grandes momentos do relacionamento.

O grande placar em frente a sala de cinema mostrava o que estava sendo exibido naquela semana. Chegaram os amigos, quase que simultaneamente, cumprimentaram-se e partiram para escolher o filme.

– Vai ser O Pacto mesmo?

– Claro – disse o de camisa azul.

– Não sei, tem que avaliar.

– Sempre tem o Milton.

– Que foi? – perguntou o tal do Milton.

– Sempre tem você querendo colocar defeito nas coisas que escolhemos.

– Pega leve, Juca – o primeiro tentava apaziguar.

– Pega leve nada, Fábio, ele é sempre assim. Lembra de quando queríamos alugar um carro e ir pra serra? Perdemos três modelos porque ele não se decidia qual era o melhor.

– Serra é difícil, Juca, tem que ter o carro certo – Milton tinha calma quando falava, o que deixava todos dez por cento mais nervosos a cada vez que ele falava.

– Difícil nada, tem gente que sobe a Serra de Fusca. Dá um tempo!

– Vamos nos concentrar no filme, pô!

– Não, teve aquela vez que ele perdeu a Natinha e as duas primas pra gente, tá lembrado? Tava tudo certinho, marcado, já podia sentir o cheiro delas.

– Você queria as três? – perguntou Milton.

– Não né, maneira de falar – disfarçou Juca. – Digo que a gente tava com tudo armado e lá veio botar defeito no chalé.

– É minha culpa se tenho bom gosto? Se quero coisas boas?

– Claro que é! – Juca já estava perto da linha da tolerância.

– Voltando ao cinema... – Fábio estava ansioso para entrar e encerrar aquela discussão já batida.

– Quero O Pacto.

- Prefiro A Vida das Borboletas.

- Quê?! – perguntaram os outros, quase em uníssono.

– Você tá maluco – Juca estava pra avançar no amigo. – A Vida da Borboleta é um documentário de mais de duas horas. Nem sei por que passam essa porcaria.

– Eu digo – Milton olhou para o placar e apontou – que a gente deve assistir A Vida das Borboletas que começa daqui dez minutos.

– Pô, Milton, dá um tempo – aconteceu o improvável: Fábio irritou-se. – Você e suas manias estúpidas, suas escolhas idiotas, sua demora. Não tem quem aguente, meu. Não dá. Você é muito difícil de lidar. Olha, eu te defendo de todos, mas... – Milton, lentamente, segurou no ombro do amigo e olhou fixamente em seus olhos.

– Eu digo – disse, virando os dois e apontando para um grupo conhecido de três lindas senhoritas, paradas em frente à porta três – que a gente vai assistir A Vida das Borboletas. Entenderam?

Os outros dois sorriram para as moças, que sorriram de volta. Poucas pessoas eram tão inteligentes quanto o Milton. Esse sim, um cara que sabia do que falava, pois aquelas foram as duas horas e vinte minutos mais prazerosas que eles passaram numa sala de cinema.

Morreu. Enfartou e, pimba, morreu. Velório, enterro, choro dos parentes. Tudo conforme o que mandava os rituais. E subiu aos céus. Chegando a porta do céu, São Pedro o esperava.

– São Pedro? – perguntou o recém desencarnado.

– Pode chamar de Pedro – disse, com a voz baixa, olhando para o livro.

– Que?

– Pode chamar de Pedro – gritou o santo homem. – Não gosto de formalidades.

– Então... o Céu é real?

– Tão real quanto você pode ver, meu caro. Mário né?

– Sim, eu mesmo.

– Bom Mário, tava olhando tua ficha aqui... Boas coisas você fez, heim?

– Obrigado, senhor.

– Senhor é na terceira rua à esquerda, eu sou o Pedro.

– Ok... “Pedro” – disse ele, encabulado.

– Realmente impressionante o seu trabalho social, sua dedicação para o próximo.

– Eu fui muito rico, como você deve ter visto aí. Herdei a empresa do meu pai e fiz com que ela aumentasse muitas vezes de tamanho.

– Percebo! Virou uma multinacional, não?

– Sim, mais de vinte países, capital na Bolsa, muito sólida.

– Bolsa do Brasil? – Pedro abaixou o óculos e lançou um olhar inquisidor.

– Nova Iorque.

– Rapaz esperto! Esse é dos meus. Olhando sua ficha aqui estão suas doações, boas doações (e são muitas) – São Pedro olhava maravilhado a ficha. – Creio que vai ficar num ótimo lugar aqui no Paraíso.

– Uau! Nem acredito! Então era disso que todos eles falavam? A salvação, não ir pro inferno...

– Ah, isso é um erro comum, mas não há inferno.

– Não? – Mário lançou uma cara confusa.

– Não. Existe uma região do Paraíso em que ficam os perdidos, é logo depois dos Campos da Tranquilidade, virando o Rio do Amor.

– Mas se é o Paraíso, qual o mal que há?

– Choro de criança, fila de banco, sala de Eternit no verão de Salvador e morcegos.

– Morcegos?

– Ninguém gosta de morcegos... – os dois refletiram em silêncio por um momento. – Mas você está salvo, vai passar a eternidade gozando de alegria e bons momentos. Onde você prefere ficar, no Residencial dos Católicos ou dos Protestantes? Espíritas? Muçulmanos? Dizem ter ótimas mulheres por lá...

– Eu sou ateu.

– Ateu? – São Pedro olhou com incredulidade, pegou um telefone e discou. – Alô? Manda um anjo carregador aqui, por favor. Precisamos de um que consiga levar alguém através do Paraíso... Até o fim. – e sorriu.

Creme de Leite

– Benzinho, pega o creme de leite pra mim – o marido rabiscava a lista despretensiosamente e concentrava-se no próximo item da lista. Quando subiu os olhos viu a mulher lá, parada, com o molho de tomate na mão.

Conheceram-se há tantos anos que aquela marca de molho de tomate nem era vendida por aqui (e por sinal era muito boa). Eram os dois comprometidos, mas chegou uma hora em que um só pensava no outro e o fim dos relacionamentos era inevitável. Queriam-se, desejavam-se, partiram um em direção do outro.

Saíram algumas vezes para “se conhecer”, até que viram que o que queriam mesmo conhecer eram como ficariam juntos. E o comentário geral era que formavam um casal muito bonito.

– Agora ele sossega – dizia o amigo, para risada dos dois, quando se encontravam.

– Não vai se gabar, mas você fez muito bem pra ela – uma amiga comentava, para alegria de todos.

Namoraram firme, sem desvios de rota ou de conduta, por alguns poucos anos e viram que o caminho era mesmo a eternidade. Ele pediu a mão dela em casamento em um aniversário de casamento dos pais dela, com um timing um pouco desajustado, já que a irmã havia feito um barraco pra contar que estava grávida, mas na verdade gostava de mulheres. O planejamento para o casamento foi feito em comum acordo, assim como a escolha da casa.

– O mercado está bom para compra, não adianta alugar. Eu ajudo vocês com o dinheiro – disse o pai da noiva. Casaram-se numa capela, cerimônia simples e com a presença de mais gente do que eles esperavam. Foram para Aruba na lua de mel, pegaram dois dias de chuva, mas foi tudo perfeito.

O Felipe nasceu um ano e meio depois, forte e saudável. A casa, construída e não comprada, adequara-se bem a realidade do casal e ainda suportaria mais dois filhos, sem qualquer preocupação.

– Mas ficaremos nos dois – repetiam para todos, falando sobre os planos para o futuro. As discussões surgiam às vezes, com o dinheiro no centro dos problemas. Ciúme esporádico, visitas indesejadas de parentes, troca de carro e viagens. Não eram o casal perfeito e nem queriam ser. A perfeição tira a magia do amor.

Em todos esses anos, porém, ela nunca havia sido chamada de “benzinho”. Amor, querida, linda, moreninha, minha morena, meu amor, minha vida... Foram muitos apelidos, muitos carinhos, dentro e fora de casa, excetuados os na privacidade do quarto. Mas benzinho não. Nunca. Ela lembrava perfeitamente disso. Ele nunca a havia chamado de benzinho.

– Algum problema, princesa? – disse ele, com um sorriso.

Separaram-se na semana seguinte.

O trânsito estava parado. Os carros se moviam tão lentamente que era difícil dizer que se fazia progresso. O calor infernal também não ajuda, mesmo que quase todos tivesse ar condicionado. Era mais um dia modorrento, chato, congestionado e imprevisível.

Ele manobrava o recém-adquirido carro automático com toda a impaciência do mundo. Não aguentava viver mais ali, naquela loucura. Queria ir para o interior e ser feliz saindo do trabalho oito minutos antes do relógio de ponto dar a hora. Queria sumir, queria paz, sossego e, assim que a viu, queria ela.

Ruiva como poucas são, conseguiu ladear os carros e ver o seu sorriso. As mãos gentilmente dispostas no volante, apertando-o com uma leveza angelical. Mexeu no rádio, olhou para si mesma pelo retrovisor e depois, distraída, viu o homem do carro ao lado com seu olhar profundo e gentil.

Moreno como muitos são, tinha uma pequena falha no cabelo preto bem arrumado, fazia covinha na bochecha quando sorria e os dentes eram absolutamente brancos. Não era um modelo, sua beleza vinha da doçura que ela viu em sua feição. “Esse é um homem que eu gostaria de conhecer”, pensou a moça.

Ao ver-se correspondido, o homem rapidamente baixou o vidro, trazendo a musa para mais perto e o calor mais perto ainda.

– Quente né? – ele disse.

– O que?

– Dia quente né? – falou mais alto, agora considerando o mundo exterior, já que viver no mundo com ela seria apenas o ressoar dos anjos.

– Nossa, demais! Se não tivesse ar condicionado tava morta – riram da não-piada pelo simples fato que rir era o que queriam fazer agora.

– Qual seu nome?

– Lidiana. E o seu?

– Henrique. Prazer.

– O prazer é todo meu – acenaram e o trânsito deu uma leve andada.

– Tá indo pro Centro?

– Sim e você?

– Não, eu só passo por lá. Vou pro Bairro Alto.

– Ah sim... E de onde vem?

– Lá de Juquiá.

– Longe né?

– Demais, perco um tempão no trânsito. Você vem de onde? – os carros andaram um pouco. Parece que tinham removido um carro acidentado à frente e a coisa fluiria.

– Eu moro no Astúrias. Pego a saída da Rua Lino, ali atrás. Passo por aqui todo dia... – não era um comentário e sim um convite.

– Coincidência, eu também passo... Então amanhã nos encontramos? – os carros mais a frente já desempenhavam velocidade.

– Não quer meu telefone?

– Não dá tempo – ele apontou pra frente.

– Saio as sete e meia de casa. Se tudo der certo... – a frase ficou pelo caminho, interrompida pela buzina que vinha atrás. Partiram.

No outro dia ele entrou no carro, ainda em casa, e sintonizou numa rádio que falava

do trânsito. Uma carreta tinha caído na avenida. Vibrou e partiu confiante. Passou pela saída da Rua Lino e começou a procura-la, em meio ao monte de carros. Não achou. Sentiu que aquele tinha sido um encontro para vida toda, mas logo viu o carro vermelho dela pelo retrovisor dando seta para entrar na avenida. Com perícia e sorte ela conseguiu chegar, alguns minutos depois ao lado dele.

– Oi! – ela estava mais maquiada que nos outros dias.

– Você conseguiu! Nem acredito! – e eles riram juntos mais uma vez. E riram de novo no outro dia e em outros que se seguiram. Riram tanto que acabaram se encontrando, dessa vez combinados, num restaurante. Contaram para si mesmos, para os amigos e para os parentes, todas as vezes até que ficaram velhos. E chegou a reurbanização, que ia acabar com o acesso à Rua Lino. Quando a avenida foi interditada foram eles reencontrar-se com o primeiro local. Ele a deixou na Rua Lino e desceu até avenida. Depois a viu descer a pé, em direção dele. Quando chegou, a antiga ruiva agora grisalha perguntou:

– Quem diria que tudo começaria aqui, não?

– Quem diria que eu passaria aqui naquele dia...

– Como?

– Eu estava voltando da casa de uma namorada. Nunca tinha pegado esse caminho, foi a primeira vez naquele dia.

– E enfrentou todos aqueles congestionamentos só por mim?

Ele riu. Pegaria todos eles de novo para viver com ela mais uma vez.

Tinha de todas as cores, formatos e modelos. Curtos, longos, recatados e mais ousados. Não muito ousados, mas o suficiente para fazer com que os homens suspirassem. Toda vez que ela saía de casa com um dos seus vestidos o dia ficava um pouco mais bonito. Mais colorido. Mais florido. E flores era tudo que ela podia usar. Desde que era muito pequena, sua estranha mania de só usar vestidos floridos deixava a mãe sem saber o que fazer.

– Eu quero! – gritava certa vez a menina, quando quase estava no portão de casa.

– Menina, é um casamento! Não dá pra ir com vestido florido, não dá – e puxava o braço da menina para, em vão, tentá-la demover da ideia. E não conseguia.

O que era apenas um capricho infantil tornou-se uma mania que a tornava triste. Quando não conseguia um vestido limpo para sair sua área ficava limitada ao portão de casa. Tentara diversas vezes e não conseguiu nenhuma. Faltavam as flores, faltava algo. E o invisível bloqueio a mantinha prisioneira de si mesma.

Até que ela o viu. No primeiro dia estava varrendo as folhas quintal. Foi quase de relance. Ele passou tão rápido que ela não teve tempo de reparar no que tinha visto. Apenas aconteceu. Um aconteceu que se repetiu por vários dias, seguidamente. Ela olhava atentamente ao rapaz que às vezes sorria para ela e trazia paz e esperança para o seu mundo limitado pelas flores. Todos os dias ela queria falar com ele e, com seu vestido florido, dava alguns passos fora da casa e o via seguir adiante na rua, sem saber o destino.

Certo dia, quando não havia vestidos floridos para ela usar, a moça percebeu o rapaz se aproximando, passar e sorrir, mas não conseguiu sair para vê-lo continuar a caminhada. Desesperada, gritou, para espanto do rapaz, que voltou até o portão.

– Eu te vejo passar todos os dias aqui – disse ela. – Mas não faz muito tempo.

– Mudei meu caminho, vou para casa por aqui depois que... – interrompeu-se.

– Que?

– Vi você pela primeira vez. Agora passo sempre por aqui.

– Para onde está levando isso? – ela apontou para o objeto nas mãos dele.

– Para casa, quer ver o resto?

Ela queria. Mas não tinha coragem.

– É que eu estou sem meu vestido... – ele interrompeu.

– Vem, vem, você está linda!

Abriu o pequeno portão, segurou em sua mão e a puxou, sem resistência. Ela nunca tinha sentido tal emoção antes e viu sua casa ficar para trás. Caminharam por pouco tempo, sem se falarem, até que ele anunciou a chegada. Ao abrir o grande portão que cobria toda a frente, ela colocou as suas mãos na boca, espantada.

– Estão todas aqui... – disse ela.

– Sim.

– Por quê?

– Não sei, desde pequeno tive essa mania. Sempre que volto pra casa compro flores e as trago pra cá. Não passo um dia sem trazer – dizendo isso ele colocou o vaso de flor que segurava ao lado das inúmeras outras, olhou para e continuou: – Mas nenhuma flor de todas as que estão aqui se comparam a você.

Passaram a se ver todos os dias, ele com a flor na mão e ela com vestidos coloridos, vibrantes e alegres. Os floridos ficavam para as raras ocasiões em que ele não estava

junto. Os vestidos floridos viraram uma lembrança de quando eles ainda não tinham encontrado um ao outro.

Algodão

- O pai do Fábio disse que algodão doce é feito de nuvens. É verdade? – o menino, no tapete fofinho da sala, rolava no chão enquanto questionava o pai que assistia ao jogo de futebol.

– O que?

– Algodão doce, pai. É nuvem?

– Nuvem?

– Nuvem.

– E quem disse isso?

– O pai do Fábio.

– Ahm – o pai não estava seguindo onde o filho queria chegar. – Acho que não, Pedro.

– Não? – o filho desanimou-se.

– Seria difícil pegar as nuvens e colocar num palito, né?

– Pode ser que os aviões peguem as nuvens e depois deixam no congelador pra ficarem durinhas e poder colocar no palito.

– Não sei, não filho... – foi interrompido antes que pudesse terminar.

– Daí alguém jogava um monte de tinta nas nuvens e elas ficam rosinhas ou azuizinhas, igual vende no circo.

– Mas e se for nuvens de chuva, cinza? – o pai entrou na brincadeira.

– Aí não dá né, pai! – o filho fez um gesto largo com os dois braços, em desaprovação ao comentário pouco pensado. – Tem que ser nuvens branquinhas, bem branquinhas, daí dá certo.

– Então se tiver em dia de chuva no circo não vai ter algodão doce?

– Não sei, o senhor nunca me levou no circo em dia de chuva... – a resposta pegou o pai de surpresa, pela rapidez e pela correção.

– Me ensinaram que algodão doce é feito de açúcar.

– Açúcar? – intrigou-se o menino.

– É, açúcar.

O menino levantou do chão e foi até bem perto do pai.

– E como é que aquele negocinho vira aquele algodão doce grandão?

– Ora, é simples. Eles colocam o açúcar numa máquina e mexem.

– Colocam e mexem?

– Sim, daí sai o algodão doce rosa.

– Colocam o açúcar branco numa máquina, mexem e sai um algodão doce rosa no palito?

– Sim... Não... Espera. – o pai confundiu-se. Não sabia como o açúcar se transformava em algodão doce. Sabia da máquina, do açúcar e do produto final, mas nem imaginava o processo e o “como” uma coisa virava a outra. – Quem é o pai do Fábio?

– O Doutor Nogueira – respondeu o menino, fazendo com que o pai se lembrasse do médico que sempre estava falando ao telefone quando ia nas reuniões escolares. Queria que soubesse explicar exatamente o processo do algodão doce, mas os olhos pidões do filho ansiavam por algo ali, naquele momento.

– Acho que o Doutor Nogueira está certo, filho. Deve ser feito de nuvens mesmo.

Sem responder nada, o filho afastou-se e foi para outro cômodo da casa, deixando o

pai com a sensação de ter decepcionado o filho com a ignorância sobre o assunto. O pequeno foi até o quarto dos pais, pegou o telefone e discou.

– Fábio, tá confirmado, seu pai tinha razão. Aproveita que você está no telhado de casa e enche algumas garrafas com nuvens, depois vou colocar o anúncio dos algodões na internet.

Desastre total. O navio naufragara, os botes não abriram e a maioria das pessoas não conseguiu sobreviver. Os poucos que se salvaram permaneceram a deriva, morrendo de fome, sede ou de insolação. Os dois que permaneciam no bote quarenta e dois viam a morte chegar depressa.

– Então é isso? – disse o primeiro, deitado com os lábios rachados, a pele vermelha e um olhar distante.

– O que?

– A morte. A morte é isso, essa melancolia?

– Não sei, nunca morri – o outro respondeu, rindo.

– É tudo tão triste. Olhar para sua vida, ver as suas realizações, o que você não fez... Nesses três dias já revivi mentalmente toda a minha vida. Estou pronto para partir.

– Realmente é bem triste – cansado, não tinha mais forças para questionar nem pensar muito. Mas o colega de danação procurava uma última conversa.

– Lembro-me dos dias que passei em Paris com a minha primeira esposa, dos passeios de barco no Sena, de esquiar na Suíça, tomar cerveja artesanal em Munique...

– Bom...

– Vendo esse infinito mar azul lembro-me das Ilhas Gregas, Santorini e suas belezas extraordinárias. Do Caribe e da Costa da Itália, com aquele frescor europeu.

– Inesquecível, inesquecível... – o amigo de barco agora passeava pelas imagens descritas.

– E o que dizer do que vivi nesse meu segundo casamento? Ah, a Natália foi tão amorosa, tão companheira. Esteve comigo quando nos mudamos para a nova casa, quando comprei minha primeira Ferrari... Ela viu o meu sorriso ao ligá-la pela primeira vez.

– Demais né?

– E olha que tive que fazer muito por ela – comentou, rindo. – Era tão simplória, tão acanhada. Coloquei os melhores profissionais pra melhorar sua aparência, fez algumas cirurgias, está outra mulher...

– Eu sei, aqueles seios são inesquecíveis – o primeiro ficou perplexo.

– De onde nos conhecemos? Você não é o Paulo, dono da importadora?

– Eu não.

– Então de onde te conheço?

– Eu sou o Jorge. Fiz uns serviços na sua casa, elétrica e tudo mais.

– Ah...

– E era ex-namorado da Natália. Foi bem legal o que fez por ela, testado e aprovado – disse o outro, rindo com o polegar em riste, antes de ser jogado no mar pelo companheiro e ser comido por um tubarão.

Prazos

Sou contra os prazos, contra as convenções que foram criadas para tentar criar racionalidade em sentimentos, coisa que tem tudo na vida menos razão.

Como pôr razão naquele aperto do peito que você tem ao ver aquele cara que conhece a tão pouco tempo? Como colocar em fórmulas a alegria que você tem ao vê-la, quando sua cabeça conta dois dias, mas seu coração já viu passar semanas. E ainda, pense bem, como é possível tornar calculista a vontade de passar a vida toda com alguém que você nem sabe se vai querer passar mais um fim de semana ao seu lado.

Não há razão no amor. E, por não possuir nem um pingão de juízo, o amor deve transcender os prazos e os preconceitos que se estabelecem. Enquanto é razoável que você não entre numa sociedade nem empreste o cartão de crédito para um amigo de faculdade que conheceu a três meses, é plenamente possível que você ame alguém que conhece a bem menos tempo.

Prender-se a ideia de que não se pode amar alguém muito cedo é se prender numa boia invisível e furada, que naufragará cada uma das suas tentativas de ser feliz. É necessário ter completo desprendimento da lógica para amar e nisso inclui-se permitir que os sentimentos fluam sem diques, sem prazos, sem olhar para o calendário ou para a quantidade. Não se ama apenas quando há “muita paixão”, não existe correlação entre as duas coisas. O amor e a paixão são sentimentos muito diferentes e, se você ainda não percebeu isso é porque não amou ou não se apaixonou perdidamente.

Fale de amor, fale de planos, do que fazer no fim de semana ou para onde viajar. Elogie o cabelo dela e fale que ele está bem vestido hoje, cozinhem juntos, vejam um filme de terror (e depois tremam de medo de fantasmas) e se beijem e se abracem até hoje se tornar ontem. Só não tentem calcular quando sentir, não tente medir coisas que não tem tamanho. Você saberá quando deve acontecer e, quando sentir que é a hora de fazer, faça.

Aproveite o tempo para gravar na memória cada sorriso. É bem mais provável que a quantidade de sorrisos seja um medidor mais preciso que um relógio.

Um casal parado à beira da estrada observando uma árvore. A mulher com as mãos na cintura, ele olhando para a copa da árvore, procurando algo com avidez. E depois?

Não sei, foi apenas essa cena que foi formada quando passo de carro por aquele ponto da estrada. A continuidade das paisagens formadas, basicamente, por mato, árvores e vacas é quebrada por aquele casal. Estariam eles procurando frutas na árvore? Aquela era uma árvore frutífera? Ou queriam ver algum animal que ali estavam? Dois biólogos conversando sobre a espécie da árvore?

Desconhecer os passos que levaram para aquela cena fazem a cabeça viajar. Como a vida daqueles desconhecidos os levou até aquele momento? Esse sentimento segue por toda a viagem. Por que a criança estava de bicicleta na hora do almoço ali tão perto da estrada? Não é perigoso? Onde estavam os pais dela? E aquela cidade, como parece quieta!

Viajar transporta nossas mentes para todos os lugares e todas as situações que observamos. Quando não há nada para ver, leva-nos às nossas próprias situações, ao que já vivemos e o que já fizemos. Ainda que seja bonito observar a paisagem, frequentemente não estamos ali. Planando entre uma memória e outra, percorrendo as vielas dos acontecimentos passados, viajar traz uma enorme oportunidade de refletir sobre (surpresa!) o caminho que passamos e o ainda percorreremos. Por isso o caminho é muito mais importante que o destino.

Perceber as sutilezas das curvas, a paisagem que te cerca, saber quando acelerar ou frear e, também, reparar nas pessoas pelas quais você passa é a melhor experiência que terá quando viajar. Ou quando aplicar tudo isso na própria vida.

Na feira, enquanto como meu pastel de pizza com suco de uva, percebo uma criança correndo desavisada. Olhando em todas as barracas, o pequeno não se contenta em olhar, mas toca em tudo que pode. Os pais, distraídos com o preço do tomate, não percebem as traquinagens do filho. Ao passar entre duas barracas, o menino volta, olha para o espaço entre elas e corre para os pais, com todo o medo do mundo.

– Pai, mãe, tem um leão ali! – grita o menino enquanto, sem qualquer preocupação com o jovem observador, um chow chow aparece no local, olha em direção do garoto e mostra sua língua azul, como alguém que acabou de pregar uma peça no amigo.

Mal passado

– Não suporto a Tânia.

– Hum? – o marido deu uma garfada no bife.

– Não suporto a Tânia, não engulo aquele jeito dela.

– A Tânia mulher do Fabiano? – por que chamavam aquele feijão de carioquinha, se no Rio de Janeiro sempre preferem comer o feijão preto?

– É claro, Fernando, que outra Tânia seria?

– Não sei, podia ser uma do seu trabalho – o purê de batatas estava bem saboroso.

– Não tem nenhuma Tânia no meu trabalho e você sabe bem de quem eu estou falando.

– Vai saber – pode ser que o feijão carioquinha seja uma referência a cor morena de praia dos cariocas e não saber a resposta da pergunta o incomodava.

– Não tem mais pessoa mais falsa e ordinária que ela – interrompeu a mulher, que ainda não tinha comido nem um pouco. – Só fala mal dos outros, fofoqueira e incompetente.

– Incompetente? – o chef passou um pouco do ponto o bife que ele preferia sempre mal passado.

– A maior incompetente! Não faz um relatório sem pedir ajuda para alguém.

– Será que os relatórios não são difíceis? – enquanto cortava o bife levemente duro do ponto do cozimento pensou nos churrascos que fazia, com a carne sempre no ponto certo. Suspirou.

– Fernando, você sabe alguma coisa do meu trabalho pra saber se ela é incompetente ou não?

– Não – as ervilhas estavam duras demais.

– Então... Eu sei que aquela gordona é uma incompetente.

– Gordona? – ele disse enquanto tomava um pouco do vinho. Era muito doce, o único tipo que a mulher aceitava pedir. Para ele um demisec estaria de bom tamanho.

– É além de tudo é gorda, não gosto de gente gorda.

– A Tânia é gorda? – aquela marca de azeite era ruim e ele não usara para temperar a salada, preferindo o vinagre naquela vez.

– É, gordona.

– Tânia não é aquela loira, com olhos castanhos e usa óculos verde que eu conheci faz pouco? – o arroz estava soltinho e com bastante cheiro verde, o que tornava o arroz até mais aromático. Ou seriam outras ervas? Não sabia, mas estava gostoso.

– Ridículos aqueles óculos – a mulher transparecia ira pelos olhos. – Ela mesma, eu apresentei vocês festa da Maria.

– Será que é a mesma que está sentada atrás de você, que eu tentei chamar sua atenção quando chegamos, mas você estava ocupada demais falando mal da Marta do RH? – ele comentou, com suavidade, antes de comer mais um pouco do refogado de abobrinha. Pensou em pedir sorvete de sobremesa ou talvez um pudim.

Buraco

Estavam os dois parados, no quarto. Olhando para a situação, queriam saber como proceder, mas a dúvida era maior.

– Tem certeza que é assim?

– Acho que é – disse o jovem rapaz, inseguro.

– Acha não, tem que ter certeza – a moça irritou-se.

– Ué, onde eu vi era assim mesmo.

– Mas assim, nessa posição?

– É, assim vai dar certo.

– Pera aí então, me deixa ajeitar – ela olhou novamente e não sabia direito como colocar. – É só colocar?

– Deixa que eu coloco.

– Não, não, você tem cara que vai querer ir depressa e estragar tudo. Tem que ser suave.

– Eu sei ser suave – respondeu ele, convicto.

– Duvido, com todo esse corpão deve ser o maior brutamontes.

– Tô achando que não vai caber.

– Quê?

– Tô achando que não vai caber, o buraco é pequeno.

– Ai, acho que você não sabe nada mesmo.

– Que que eu posso fazer se o buraco é pequeno?

– Alarga ele.

– Como?

– Sei lá, com o dedo.

– Não vai resolver, não vai entrar.

– Você ainda nem tentou, como sabe?

– Eu tô olhando aqui – aproximou-se e viu o buraco mais de perto, espantado. – Nossa, é pequenininho mesmo! – riu despreziosamente.

– Olha, para de gracinha! Se é pequeno, é pequeno, mas tem que dar um jeito de caber.

– Não vai ficar ruim?

– Não, coloca de uma vez, vamos acabar com isso.

– E se eu lubrificar um pouco antes?

– Você tem óleo aí?

– Acho que não.

– Então vai lubrificar como?

Pensou em colocar o dedo na boca, mas ela fez cara de desaprovação.

– Vou forçar então – ele disse.

– Vai com cuidado.

Ele começou a colocar, lentamente, mas ao ver que o buraco era de fato apertado demais, resolveu empurrar com força.

– Não, não! Para! Assim não dá certo! Já falei que tem que ser devagarzinho.

– Eu tentei ir devagar mas acho que não vai entrar, precisa de um pouco de força bruta.

– As coisas não funcionam assim, eu já disse – ela estava olhando o namorado com

dúvida. – Tem que fazer devagar, aos pouquinhos, vai encaixando o pau no buraco que uma hora vai estar certo. Não é porque é a primeira vez que estamos fazendo isso que vai fazer de qualquer jeito.

O rapaz parecia perdido nas explicações e na teoria, queria mesmo uma prática rápida e fácil.

– Então não sei o que fazer – ele sentou no chão, resignado.

– Quer saber, vamos montar essa cama depois e vamos fazer amor no sofá, como sempre – ela o puxou para perto dela e deu um longo beijo.

– Ótima ideia, alguns buracos são mais fáceis de encaixar.

– Olha o respeito! – ela deu um tapinha nele, sorriu com malícia e começou a tirar a calça.

– Ordem no tribunal, ordem no tribunal! – pedia insistentemente o juiz, até ver seus apelos atendidos pelo público presente. – Este tribunal está em sessão. O caso é “O Povo Contra O Senhor Floco de Neve”. Senhor Floco de Neve, como se declara?

O menino olhou para o urso de pelúcia branco, que estava sentado numa cadeirinha à sua direita. Seus olhos vermelhos apontavam para o nada, fazendo par com o sempre presente sorriso.

– Inocente? Bem, vamos prosseguir. Passo a palavra para o promotor, o Senhor Jacarézinho.

Um jacaré de pelúcia também estava sentado, só que à esquerda, mas caiu pouco antes de começar a sessão.

– Senhor Jacarézinho! Peço que mantenha a ordem no tribunal, por favor – disse, enquanto levantou-se para arrumar o animal na cadeira. – Pronto, assim está melhor. Continue.

Olhou atentamente para o jacaré, imóvel, enquanto assentia com a cabeça de momento em momento. De súbito, olhou para o urso e fez cara de desaprovação, condenando alguma atitude que pudesse ter sido tomada.

– São acusações muito sérias, muito graves – o ar de lamentação pairava ao redor do pequeno. – Sua vez, Senhor Coelho, você pode... – quando percebeu que o coelho (esse de verdade) não estava mais na área do tribunal, correu atrás dele. – Não, Senhor Coelho, tem que ficar aqui! Não é hora de comer. Larga esse alface, larga!

O coelho corria do tribunal como o diabo foge da cruz, mas sem qualquer culpa. Parecia não querer ficar ao lado dos bichos de pelúcia e do juiz de maneira alguma.

– Senhor Floco de Neve, peço que contenha o seu advogado – disse antes de ver o coelho escapular para debaixo da cama. – Olha lá que sacana, se escondendo! Volta aqui Senhor Coelho, seu cliente precisa de você! – se esgueirou para debaixo da cama, mas o esperto animal encontrou um lugar onde permanecia intocável.

Incerto do que fazer, recorreu a prática mais conhecida no Direito Moderno: desandou a chorar. A mãe, com presteza, entrou no quarto do filho.

– Que foi, que foi?

– Coeio! Coeio! – apontou o menino para debaixo da cama. A mãe sorriu com ternura, afastou a cama e colocou o coelho nos braços do filho. Beijou-o na testa e saiu. Rapidamente o menino colocou o coelho na gaiola e sentou-se na cadeira de juiz.

– Ora se não é o Senhor Coelho de volta ao recinto. Vamos ter um duplo julgamento então, não é? Quem se habilita a ser o advogado de defesa dos réus? Senhora Florzinha? Senhor Baleia? Epa, peraí, cadê o Felpudo? – comentou antes de ver só o rabo do gato passando pela janela entreaberta.

- Não.

Ouviu a palavra e foi repentinamente levado para um mundo que não conhecia. Todos os seus pensamentos, ambições, sonhos e medos convergiram num ponto, num único instante, na singularidade das emoções que poderiam ser vividas.

Voltou à escola, onde tinha sido uma criança muito feliz. Lembrou-se da professora e dos colegas de classe, das brincadeiras e da abençoada falta de responsabilidade que existe para os bem pequenos. Lembrou-se do primeiro amor, do vestido azul que ela vestia toda quinta-feira e também da primeira vez em que pegou em sua mão pequenina, macia como nenhuma outra das que ele se lembrava.

Passou, depois, aos martírios do amadurecimento, a guerra que mente, coração e hormônios travaram por muito tempo. Os desejos reprimidos, os amores perdidos e a sensação que exorbitava todos os sentimentos, que sentia mais do que era preciso ou do que era necessário. A sensação de que cresceria e seria infeliz, assada no forno brando da morte dos pais em momentos distintos, porém determinantes, da sua vida.

Ainda no estupor do momento, lembrou-se de todas as decisões erradas que tomou, de todos os atalhos que pensou tomar e, na verdade, foi apenas uma forma de desviar dos problemas que apareciam na estrada. Nunca tomou o caminho mais curto; apenas o mais errado e, quase sempre, o mais longo. Demorou em decidir o que fazer da vida e errou a decisão, arrependendo-se do que tinha se disposto a fazer pouco tempo depois de começar.

Queria fugir, sair, mudar, queria ser outra pessoa, queria estar em outro lugar e pensar coisas diferentes. Não conseguiu nada disso, ao contrário, fincou território no lamaçal de onde não pensaria ficar mais de dois anos. Passaram-se seis anos e ali estava parado, à deriva no mar de incompetências que cometera.

Até que ela apareceu. Sincera, correta, precisa, direta. Apaixonante e apaixonável, amante e amável, tornou-se a esperança que ele queria e os dois decidiram que aquilo era o que devia ser vivido. Planejaram o caminho e trilharam triunfantes a estrada da felicidade. Sem paradas, sem curvas, implacável autoestrada de várias faixas de rolagem, fizeram com que a jornada fosse excelente. Até que ele, no meio do caminho, viu um atalho. E atrapalhado pelo que ele achava ser uma pura visão de futuro, decidiu toma-lo. Queria que aquela jornada não tivesse fim e isso ofereceu à ela.

- Não.

Desfez-se a estrada, o caminho, o atalho e o sorriso. Chorou e dali não saiu mais, ao menos não mentalmente. Terminou a jornada sozinho, tendo errado quando achou que acertaria, abraçando as boas intenções da vida com um sorriso de resignação.

– Fernando, quando te conheci eu era apenas uma menina. Não na idade, mas em maturidade de sentimentos. Não sabia como era ser plenamente feliz e realizada, como era amar e ser amada na plenitude, não apenas ser completada, mas complementada por uma pessoa maravilhosa, amável, sincera e responsável como você. Queria poder expressar em palavras, em frente de todos que aqui estão, o quão importante o seu amor é para mim e como esse dia é especial. Acho que não conseguiria expressar. Não sei... Não sou boa com palavras, sempre procurei mostrar em ações o que sentia por você, desde o primeiro momento em que nos conhecemos, desde que eu vi que você era uma pessoa especial e que havia um futuro para nós. Eu estava certa desde o começo, nós estávamos certos! Trilhamos um belo caminho juntos ao longo desses anos e tudo se resume aqui. Tudo se resume à uma expressão: eu te amo.

– Patrícia, é difícil para eu fazer uma reconstituição ou, até, uma aproximação do meu sentimento por você. Desde o primeiro dia em que nos vimos, apresentados pelo Téo e pela Lica, eu também tinha em mim o sentimento de que tudo daria certo. E mesmo após todas as dificuldades que passamos, após tudo que sentimos de maneira absolutamente intensa, tenho que concordar que tudo se resume a onde estamos agora. O casamento, como sempre dissemos, não é apenas uma instituição fracassada, uma história da Disney onde todos são felizes e nem é a pior coisa do mundo. Precisamos passar por um amadurecimento muito grande para chegarmos aqui, para nos suportarmos, amarmos, gostarmos, apaixonarmos todos os dias, um dia atrás do outro. Não posso dizer o quanto te amo, pois isso extrapola o que eu poderia explicar em palavras e em ações. Eu acredito que os sentimentos ultrapassam a barreira das coisas ditas e das faladas, é algo muito maior. Hoje posso dizer que te amo, hoje posso dizer que não viveria mais sem você.

Foram abençoados.

Beijaram-se.

Amaram-se. Meio século depois, a esposa pergunta:

– Fernando, você se lembra dos nossos votos de casamento?

– Lembro – disse sem tirar os olhos.

– Por que você disse que “hoje posso dizer que te amo”?

– Porque era verdade, naquele dia eu tive certeza que te amava.

– Como?

– É que mesmo depois de ter te perdido tantos anos antes eu ainda podia sentir o calor do seu rosto em meus pensamentos – e sorriu. Olhou para a cadeira vazia ao lado e decidiu lembrar mais uma vez da maravilhosa vida que ele não tinha vivido.

Bem antes de a cidade acordar, bem antes de eu mesmo me considerar acordado, paro para ouvir os sons que me cercam quando o dia está prestes a começar.

Procuro os sons triviais, os carros, as TVs e as pessoas apressadas. Nada. Primeiro percebo o profundo silêncio que faz respirar melhor. Um silêncio mágico, quase uma declaração de amor aos ouvidos.

Os animais agora são notados. Galos, cachorros, muitos pássaros. Diversos e desconhecidos, preenchem o silêncio com notas estranhas, mas que aconchegam mesmo sem haver entendimento.

O sol ainda não testemunha o nascer do dia quando ouço uma voz humana. Alguém ao longe falando com um parente. Uma mãe falando com um filho pequeno. Mas por quê? Será que ela acordara o filho tão cedo para “aproveitar” melhor o dia? Que injustiça seria! Filhos deveriam poder dormir até cansar aos domingos. Se foi ele que acordou? Bem, pais estão aí para isso mesmo...

E entre cachorros, pássaros, humanos e o silêncio eu, sozinho, presencio as inúmeras faces do fantástico quadro da vida.

Essa não é mais uma crônica de amor. São pensamentos soltos (e a desconstrução de uma música) traduzidos em palavras para que eu possa entender o que eu, ainda, não entendo.

Amar é não ter certeza de nada, além de que se ama. É aceitar que ninguém é completo sem outro alguém e que nossos medos e imperfeições serão amenizados com uma pessoa legal do lado.

Amar é ter o inexplicável sentimento que ali é o seu lugar, mesmo quando você sabe que deveria estar em outro. Também é perceber que qualquer outra pessoa do passado, presente e de um possível futuro se torna irrelevante.

Ter um amor significa poder fazer as coisas mais loucas, mais infantis e mais espontâneas e se sentir bem com isso. É não ter preconceitos ou pudores, rédeas ou medo.

É sair da zona de conforto, é contemporizar o que não se gosta tanto e aceitar o que incomoda, sem abrir mão da sua personalidade. Amar é também a grande arte de lidar com pressão, medo e insegurança. É importante ousar, mudar e querer ser uma pessoa melhor. Esquecer o que indiferença significa e fazer de todos os momentos uma ocasião especial.

Afinal, será que amar é isso tudo? Um dia aprendo também.

Não é a hora de escrever uma crônica, de falar das coisas, de tentar se expressar o que está sentindo. Simplesmente ainda não passou tempo suficiente, não se chegou ao momento certo de saber as coisas certas a dizer. Porque por mais certas e precisas sejam as coisas, elas precisam do tempo certo para ser ditas, sejam em crônicas, poesias ou pessoalmente mesmo.

Uma palavra mal colocada, por exemplo, pode destruir integralmente a esperança e o futuro de que algo bom aconteça. “Seje” é uma delas. Basta um simples “seje” para demolir as expectativas criadas naquele moreno alto de olhos verdes que sorria para você. Seria radical dizer que essas quatro letras podem definir um futuro de anos? Não seria preconceito com os “sejistas”, que aprenderam isso na escola da vida e não na escola normal?

Pode ser, mas para mim não passa. O “seje” é indefensável. Dizer “seje” para alguém é, para mim, xingamento único e imperdoável. Você até aceita um “a gente vamos” dependendo da situação, mas “seje” quebra todas as regras de convívio social estabelecidas na sociedade moderna. Tem que escolher: eu ou o “seje”. Gosta mais dele? Tudo bem, fale para todos os conhecidos comigo bem longe.

A brevidade da palavra não impede o seu poder, entretanto. Existem palavras menores e que, se ditas na hora errada, são tão ruins e devastadoras quanto receber uma bronca de duas horas do seu chefe por ter esquecido o prazo do contrato. “Amo”, por exemplo, tem apenas três letras. Mas não vamos falar disso. Não é hora de escrever uma crônica, de falar das coisas, de tentar expressar o que está sentindo.

O sucesso de público e de crítica levava centenas às sessões da peça todos os fins de semana. Declarada como “próxima obra-prima do teatro nacional”, chamou atenção de Júlio quando leu no jornal. Queria ver e marcou a viagem com a esposa, Nelinha, para um fim de semana sem trabalho extra pra fazer, já que perderiam os dois dias para se acomodar na capital depois de uma viagem de trezentos quilômetros.

A peça era realmente mágica, uma comédia dramática das melhores, com muita comédia e pouco drama. Em certo ponto, Júlio olhou para a esposa, com os olhos cheios de lágrima.

– Gostando, Nelinha?

– Ahã – respondeu a monossilábica esposa, com as lágrimas correndo pelos olhos.

– Ô Nelinha, que isso meu bem? Você tá chorando?

– Tô, Júlio, tô chorando...

– Mas eles estão fazendo uma parte musical sobre crianças, é engraçado... – não conseguiu completar o pensamento, vendo a esposa sair correndo pelo teatro, chamando atenção de vários espectadores e de dois atores que esperavam pra entrar em cena. Correu atrás dela, que chorava copiosamente do lado de fora da casa. – Que foi, Nelinha?

– Nada, Júlio, nada! É que você... Você sempre com a sua mania, sempre! – e chorava mais e mais.

– Mania, que mania?

– De dizer que minha prima é gorda.

– Quê?

– É Júlio, a Odete. Você sempre volta nesse assunto, sempre, sempre!

– Mas Nelinha... – interrompido, Júlio se resignou a ouvir.

– Eu já disse que é um problema hormonal, ela não consegue, tadinha... Já fez de tudo, usou remédio mas não dá! Só com cirurgia e é muito cara. Mas não, o senhor Júlio perfeito precisa falar dela, precisa expor uma moça tão gentil como ela ao ridículo. Sabe quem é ridículo, Júlio, você! Você e seus comentários! – o choro deu lugar à raiva.

– Nelinha, quando eu disse isso?

– Mês passado na casa do Almeida – respondeu com firmeza.

– Nelinha, você tá de TPM?

– O que você acha, Júlio? – respondeu com um misto de raiva, choro e riso, unindo sentimentos diversos numa só ação: bater no braço do marido.

– Que tal a gente esquecer o teatro e ir até o shopping tomar um daqueles picolés mexicanos?

– Ai, Júlio, adorei! Como você é lindo! – agarrou o marido e o beijou várias vezes, sorrindo o sorriso mais largo que podia. – Vou querer o de limão trufado. Não, não, melhor o de amora silvestre né? Ou o de pitanga? Minha mãe disse que o de pitanga pode vir meio azedo às vezes... – e continuo falando sem parar até o shopping, para felicidade de Júlio, que voltou ao teatro com o Almeida no mês seguinte, já que o Almeida não tinha TPM no começo do mês.

- Mor.

Sem resposta.

– Moor! – disse ela, de novo.

– Quê? – respondeu o noivo, irritado.

– Te amo – e colocou todo o amor em seus olhos, para transparecer claramente ao amado, atitude que nada adiantou. Recebeu em troca um sorriso amarelo e indiferença, talvez um pouco de condescendência.

E declarou-se várias outras vezes, na rua, no cinema, na casa de sua mãe e na cama. Guardou todo amor que tinha e distribuiu, homeopaticamente. Mas nem toda homeopatia do mundo faria o noivo mudar e, ao contrário, o amor não correspondido passou a doer e escapar pelos dedos.

Arrumou desculpas, fez vista grossa e amou pelos dois, mas esqueceu de amar a si mesma. Ouvia pouco e falava muito quando era sentimento o tema.

Um dia acordou mudada. Não houve pela manhã, não quis conversa. Apenas viveu a vida e procurou ser feliz. Após dias sendo feliz finalmente aceitou rever o ex-noivo num café. Sentou-se e olhou diretamente nos olhos dele.

-Diz onde eu errei, por favor! Sempre fiz tudo direitinho, por que terminou comigo? Nosso relacionamento era tão legal...

Ela olhou para o rapaz, sorriu amarelo e foi embora, sem dizer porquê. Simplesmente para descobrir qual era o gosto de deixar alguém esperando uma resposta.

– Tudo bem, meu amigo?

– Hum... Não sei – disse o amigo, enquanto olhava para o vazio. A fome apertava enquanto as esposas não voltavam com as cervejas.

– Não sabe?

– Não.

– Ué... Como é que você não sabe se está bem ou não?

– É interessante o conteúdo da pergunta – refletiu, ajeitando-se na cadeira de praia pra fugir do sol. – Como saber se estamos bem? Ora, com essa crise na França, é possível estar bem? Escândalos de corrupção estourando a todo momento, eleições deixando as pessoas tensas, inflação querendo se descontrolar... Me pergunto, é possível estar bem?

– Olha...

– Não, não! Sua pergunta é muito interessante. E também muito complexa. Será que as frustrações que tenho em casa, no trabalho e na vida pessoal me permitem dizer, hoje, que estou bem? Veja, me remanejaram pra Filial B. Eu não queria ir para lá, gostava da Filial H. Lá eu poderia dizer rapidamente “está tudo bem”. Na Filial B não, eu não sei o que me espera lá. Trabalho novo, pessoas novas, problemas novos. Você sabia que eu e a Thaís estamos tentando ter um filho?

– Não sabia – procurou por todos os lados os demônios das esposas, que não voltavam. – Elas estão demorando heim? Não seria melhor eu ir lá ver?

– Deixa disso, praia nessa época do ano tem fila mesmo. Fila! Aí está outro problema que não me permite responder sua pergunta com rapidez. Filas! Em todos os lugares. No banco, no banheiro do trabalho, para o ginecologista da Thaís... Eu tenho que aguentar horas para fazer coisas que duram minutos, como acompanhar minha mulher no médico. E é um médico caro, eu pago esse convênio pontualmente e me fazem esperar todas às vezes. Posso estar bem numa situação dessas?

– Não sei, Tito, não sei! – finalmente avistara as esposas voltando. Deitou com alívio na cadeira.

– E os meus pulmões? Posso ficar bem com o resultado do exame? Não, tenho me preocupado diariamente com isso, nem durmo quase. Isso me traz outro problema, o... – foi interrompido bruscamente.

– Tito! – gritou o amigo.

– Que foi?

– Era retórica.

– Retórica?

– Sim, quando pergunto se está “tudo bem”, é só uma retórica. Basta dizer “tudo”.

– Ah...

– A não ser que a pessoa diga “mesmo?”, aí talvez ela queira saber mais.

As esposas chegaram, com as cervejas na mão.

– Oi amor, tudo bem? – perguntou a esposa de Tito.

– Tudo – respondeu com um sorriso.

– Mesmo? – disse suavemente, com um olhar doce.

O amigo olhou para a mulher e disse, rapidamente:

– Onde era aquele passeio de barco de três horas que você queria fazer?

Imperfeitos

Não existem amores perfeitos. Não. Definitivamente não. Eu não sou o dono da verdade, mas você deveria me ouvir sobre isso. Garanto que não existiu nem existirá um amor perfeito.

Aqueles velhinhos que passaram quarenta e dois anos juntos e morreram com dois meses de diferença? Não. Os jovens que se conheceram num país, se reencontraram em outro e casaram-se num terceiro? Nem pensar. Aquele casal perfeito, de comercial de seguro de carro (ninguém mais vê comercial de margarina por causa dos lipídios), que tem dois filhos perfeitos e mora numa casa bonita na zona sul? Esses também não.

“Então o que difere o meu amor pela(o) fulana(o) dos outros?”, perguntaria quem lê tais afirmações. “Nada”, responderia eu (se fosse realmente perguntado). Todos os amores são imperfeitos e isso os torna verdadeiros amores. Tudo aquilo que se encaixa com perfeição tende a falhar, pois os sentimentos não são engenharia. Não dá pra desenhar um croqui do relacionamento e seguir a risca.

Dá pra aturar o jeito descompromissado dele. É possível, porém difícil, aguentar às vezes em que ela te trata como não gostaria. Compatibilizar gostos musicais, amenizar o quanto ela odeia o calor, convencê-lo a ir para a praia quando ele queria mesmo era ver futebol. Isso tudo forma o que alguns cientistas diagnosticaram como “amor”.

Ele não é exatamente o sentimento que te faz querer ver a pessoa, e sim o que te faz querer voltar, mesmo quando ficaram vários dias sem se ver e você se pergunta “será que vou querer vê-lo de novo?”. Vai, porque o ama. Não é, também, uma questão de “atração de opostos”, pois muito pouco herda o referido sentimento da Física. É simplesmente optar por não deixar de ser feliz. Perceber que mesmo ao longe, turrona, chata, encenqueira e, muitas vezes, insensível, ela traz consigo a aura de felicidade que você sempre quis.

O amor não se forma por currículo, não se alimenta de promessas nem se expande com a saudade. O amor é único e acontece ou não acontece. Qualquer tentativa de qualificar o amor em algo mensurável é, no mínimo, pretensiosa. Você sabe exatamente quem e o que ama. Não serão os defeitos no projeto do seu rolimã ou a voz estridente dela que te fará amar mais ou menos um ou outro. O amor nasce e morre, tão naturalmente quanto a vida, pois ambos são igualmente frágeis e fascinantes, encantadores e misteriosos.

Ele folheou mais uma vez para o livro de fotos que guardava secretamente, num quatinho de bagunça que a esposa não ousava entrar desde que ouvira falar em cobras no lugar. Não tinha pensado, porém, que se houvessem cobras nem o marido ousaria entrar ali.

Começou olhando para as fotos da Tatiana. Conheceram-se numa festa de faculdade, ele tinha acabado de sair de um relacionamento relâmpago e ela não queria saber de nada. Trocaram telefones, conversaram por um tempo razoável para ela e interminável para ele. Foi ali que percebeu que sofreria a vida toda por se envolver demais nos relacionamentos. Começaram a sair três meses depois da festa e tornaram-se amigos inseparáveis, um casal muito unido que parecia ter nascido um para o outro. Mas com o passar do tempo a amizade tornou-se maior que o amor, ou ao menos ofuscava-o tempo suficiente para desestabilizar o romance. Em certo ponto ele a via apenas como amiga que eventualmente dormia junto e, com o coração partido, terminou tudo.

Chegou nas fotos de Verônica, cujo nome causava arrepios de medo e desejo na mesma proporção. Conheceram-se discutindo sobre política municipal através da internet e, desde então, não pararam mais de se querer e de brigar. Tinham uma rara sintonia de entrar na casa discutindo, pausar tudo no quarto e reiniciar na cozinha. Xingamentos e carícias viviam lado a lado, e os dois pareciam ter nascido um para o outro. O que eles não contavam é que brigar, em geral, leva a descontentamentos e chateações. Enquanto tudo era mascarado pelo traço forte do prazer, tudo parecia bom. Quando a tensão cruzou a linha, tudo se desfez tão rápido quanto começou. E eles, de corações partidos, terminaram tudo (numa briga que terminou na cama, obviamente).

Por fim existiam algumas fotos de Fernanda no álbum. Todas felizes, em bons momentos em que passaram juntos nos últimos três anos. Não se recordava de brigas muito graves, apenas pequenos aborrecimentos esporádicos. Eram confidentes mas não podiam ser chamados de melhores amigos. Foram namorados, noivos e agora marido e mulher, e essa era a definição mais precisa do casal que se conheceu no trabalho, sem qualquer tipo de super novidade. Conversaram, saíram, se amaram e continuaram juntos. A família dele relutou a aceitá-la até o último momento, mas tiveram que sucumbir à felicidade do filho. Foram para uma lua de mel numa cidadezinha fria em julho, já que ela detestava praia. Tinham uma casa própria, dois carros e planejavam o primogênito.

E por que ele voltava para aquele quarto, todas as semanas, para ver aquelas fotos? Por que o sentimento de alguma coisa faltando era tão presente? Não sabia se era porque se sentiu deixado de lado no começo do relacionamento, pequeno incômodo no coração que o fez discutir algumas vezes com ela. Acostumado com a amizade alentadora e a paixão frenética, incomodou-se com ser a segunda, terceira ou décima opção. Ressentiu-se alguns meses depois, mas temia ter feito marcas profundas demais para esquecer. Naquele dia, porém, descobriu o motivo das releituras do passado. Sentia falta dos problemas. Sentia falta daquela amizade que o fez deixar a primeira e sentia falta da loucura apaixonante da segunda. Gostava da cumplicidade e do companheirismo da esposa, mas viu-se uma pessoa exigente: queria uma mulher que condensasse tudo isso, amizade e paixão, brigas e companheirismo. Era tarde demais para buscar alguém assim?

Fechou e guardou o livro, limpou as lágrimas e lembrou que tinha que ir ao supermercado. Ao passar pela sala viu a esposa vendo TV e sorriu, sem que ela percebesse. Imaginou que se fosse a Tatiana ela o chamaria para ver TV, que pediriam uma

pizza depois; se fosse Verônica iria ser xingado e beijado, talvez não nessa ordem, por não ter ido ainda. Mas a esposa não o percebeu passar, envolta nos relatórios que lia. A teimosa lágrima voltou, fruto da certeza que tal pessoa não existia e que ele não sabia se tinha escolhido a certa dentre as disponíveis.